

learner, educational system, Trinity College, Dublin.

VYGOTSKI, L. (1997) *Pensée et langage*. trad. par Sève F., Paris: La Dispute/SNEDIT

WOOD, D., BRUNER, J.S., & ROSS, G. (1976) The role of tutoring in problem solving. In: *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 17, 89-100.

O ENSINO DE PORTUGUÊS NA RÚSSIA

Galina Petrova

Universidade Estadual de Relações Internacionais Rússia

Resumo. Este trabalho tem como objetivo principal mostrar um breve panorama sobre o ensino de Português na Rússia.

1. Escola russa. Tradições e manuais.

As tradições da escola de ensino de línguas estrangeiras na Rússia remontam à época soviética. Após da cortina de ferro formava-se, talvez, a melhor metódica do ensino de línguas estrangeiras no mundo. Os contactos com os falantes nativos eram proibidos, mas, no entanto, era necessário ensinar a todo o custo os alunos a falar inglês, francês ou espanhol. Para compensar a falta do ambiente linguístico, as aulas nas universidades linguísticas eram muito intensivas, a carga nas universidades chegava a 24 horas semanais (a prática oral, a tradução escrita, a tradução oral, a fonética prática e teórica, a estilística, a lexicologia e a gramática, a história da língua) e o número de alunos não excedia os 10.

A escola russa criava os seus manuais que, se bem que não isentos de ideologia e política (sem descrição do Kremlin ou a biografia de Lenin nenhuma editora aceitava o manual para a publicação), davam resultados espetaculares: os alunos saíam das universidades com bom domínio de línguas estrangeiras, e prontos para exercerem as suas atividades profissionais. As melhores escolas linguísticas criaram-se na nas Faculdades de Letras da Universidade Lomonosov e da Universidade de Leningrado, que formavam professores, no Instituto de Línguas Estrangeiras, hoje Universidade Linguística, que formava intérpretes e professores, na Universidade Militar que formava intérpretes militares, e no Instituto, hoje Universidade de Relações Internacionais, que preparava os futuros diplomatas, economistas, jornalistas e juristas.

2. O Histórico.

A prioridade no ensino de Português pertence à Faculdade de Letras da Universidade de Leningrado (hoje São Petersburgo), onde a primeira turma foi aberta em 1962. Os primeiros professores de português em Leningrado foram Dra. Gólubeva, autora do livro "Fonética portuguesa", falando uma impecável variante coimbra, e André Goh, ucraniano nascido no Brasil que voltou à URSS aos 15 anos de idade. A história da língua portuguesa ali foi ministrada pela Olga Vassilíeva-Chvede, uma notável linguísta falante de espanhol.

Em Moscovo o ensino de português começou praticamente simultaneamente na Universidade de Relações Internacionais e na Universidade Lingüística, nos finais dos anos 60. As fundadoras das escolas foram, respectivamente, Natália Vóinova, uma bilingüe e filha de emigrantes que voltou do Brasil aos 30 anos de idade e começou a dar aulas na UL, e Margarida Rodiónova, professora de espanhol que casou com um brasileiro e aprendeu português no Brasil. Divorciada, voltou para Rússia e começou a ensinar português na Universidade das Relações Internacionais. Na Universidade Estatal Lomonosov o português era ensinado como terceira língua por uma brilhante erudita e historiadora da língua, a Doutora Helena Wolf, autora das obras Formação da Língua Portuguesa datada de 1983 e da História da Língua Portuguesa.

2. A Primeira turma na MGU.

Eu estudei na MGU e trabalhei toda a minha vida na MGIMO, da qual vou falar em particular. Comecei a aprender português na Universidade Lomonosov, em 1975, quando depois da revolução dos cravos em Portugal surgiu uma grande necessidade de especialistas em português e no nosso quarto ano abrimos a primeira turma que era constituída oficialmente por cinco rapazes, mais três meninas - alunos "clandestinos". Os rapazes eram preparados com vista a servir como intérpretes na África portuguesa. Nós, meninas, frequentávamos as aulas por gosto e amor à língua, e graças ao nosso professor no fim do quarto semestre legalizamos a nossa situação, isto é, conseguimos o português como 3ª língua no currículo universitário. É de referir que todas estas antigas alunas trabalham até hoje com o português. Uma delas é a Doutora Olga Ovtcharenko que traduziu para o russo "Os Lisíadas" e fez o doutoramento sobre Luís de Camões.

No ano seguinte, em 1976, na MGU (Universidade Lomonosov) abrimos no 1 ano, no curso de licenciatura, uma turma regular de português. Mas a procura então era tão grande que na MGU surgiram os cursos anuais de português, formando os alunos graduados que tinham o espanhol ou o francês como 1ª língua. Estas pessoas, ainda com pouco domínio da língua portuguesa, começavam a ensinar às outras, que iam trabalhar, na sua maioria, na África lusófona como cooperantes. Eu também, quando me formei em 76, fui convidada a dar aulas na Universidade de Relações Internacionais.

3. Os professores.

Quem foram os nossos professores? Eram as pessoas que, segundo o imperativo da vida, deixavam as suas línguas que aprendiam durante as décadas e atreviam-se a ensinar português, aprendendo-o ao mesmo tempo, docendo discs. O nosso professor, o Dr. Vladimir Baránov, locutor da rádio, por exemplo, tinha uma pronúncia muito boa, mas tinha poucas noções da didática. A nossa geração, os que chegaram a ser professores universitários na segunda metade dos anos 70, são praticamente autodidatas. Estudavam Espanhol ou Francês como primeira língua e tinham uma boa formação filológica. O resto era para aprender. Na Universidade Militar, por exemplo, foi emitida uma ordem: os professores que ensinavam árabe (em número excessivo) tinham que aprender português. E aprenderam! Na União Soviética foi criada uma brilhante escola científica de filologia portuguesa: graças à Doutora Helena Wolf, uma eminente lusionista e filóloga russa, que trabalhava na Academia das Ciências, foi preparada uma plêiade de 11 doutores que defenderam as suas teses sobre lingüística portuguesa. São estas pessoas que estão formando agora as gerações vindouras de intérpretes e professores. Os seus temas sobre a semântica funcional foram os mais variados: a minha tese intitulava-se "A obrigatoriedade e a facultatividade dos pronomes de modo no grupo verbal", as outras eram sobre os nomes genéricos em português, sobre a classificação de predicados emotivos, sobre diferentes modos de expressar incitação em português, os adjectivos

portugueses com os valores modais de possibilidade, capacidade e intensificadores, etc.

4. Os Manuais

Quando começamos a dar aulas, praticamente não existiam manuais de português, nem textos, nem os jornais à venda. As únicas páginas preciosas de jornal que se conseguia arranjar eram do "Avantel" O Dr. Baranov trazia - nos os papéis copiados à mão. Eram os excertos de textos de autores portugueses que nem sequer nomes traziam, que nós líamos e traduzíamos. Margarida Rodiónova lembra-se que copiava à máquina um manual brasileiro de Sá Carneiro para crianças cujo protagonista era o Joãozinho. O único manual russo que existia então, o Português sem mestre, publicado em 1970, da autoria de Piotr Evisukov, diplomata falante de espanhol, que durante muitos anos trabalhou em Cabo Verde. Fez um pequeno prontuário gramatical e seleccionou os textos. No entanto, o livro continha muitos erros e frases traduzidas directamente do espanhol. Os únicos grandes dicionários russo-português e português-russo, existentes e reeditados até agora, foram também publicados nos finais dos anos 70. Nas universidades os professores continuavam criando os seus próprios cursos. Só em 1981 foi publicado o Curso avançado de Rodiónova, no mesmo ano, a Gramática de Boris Nikonov, a Fonética da Língua portuguesa de Gólubeva, depois, em 1983, o Livro de português de Natália Vóinova, em 1984 - o Português para

os principiantes, de Adão Lébit e Galina Kuznetsova, em 1989, o Português de Imprensa, de Helena Ivanova, e em 1991, o nosso Curso básico de Rodiónova e Petrova. Depois do desmoronamento da União Soviética houve um grande intervalo na publicação dos livros em português. Já não havia tanta necessidade de formar especialistas, na África lusófona trabalhavam especialistas de outros países.

O número de nossos alunos começou a reduzir-se. Se na época soviética na MGIMO tínhamos cerca de 100 alunos e 08 professores, no ano de 2001 havia 76 alunos, no ano passado o número deles caiu para 25. Agora somos 34 alunos e 05 professores.

5. A época pós-soviética.

○ Interesse pelo português ressurgiu só muito mais tarde, no início do século XXI, com a emigração maciça dos ucranianos, moldávios e russos para Portugal. Agora têm surgido outros livros: o nosso Curso avançado de Petrova, Gavrilova, Tolmatchova, o Português sem mestre, de Rodiónova, as reedições dos dicionários acima referidos, os livros especializados, por ex.: O português económico, de Nossou, o português jurídico que eu estou a fazer agora. Mas a maior necessidade é de cursos limitares para os emigrantes que, uma vez chegados a Portugal, possam fazer-se entender. Daí, têm aparecido nas livrarias os livros feitos por autores desconhecidos ou traduções piratas de manuais originais, nem sempre de boa qualidade. Se na época soviética todas as editoras pertenciam ao estado e os

manuais eram rigorosamente certificados, agora qualquer editora pode publicar um livro qualquer, sem ter um revisor ortográfico ou redactor que perceba português sequer.

6. O estado atual.

Qual é o estado atual do ensino de Português na Rússia? Ensina-se em 05 Universidades de Moscou: na Universidade Estatal de Moscou, Lomonosov (20 alunos), na Universidade Linguística (70 alunos), na Universidade Militar, na Universidade de Relações Internacionais de Moscou (34 alunos), na Academia diplomática (4-5 alunos) e numa escola primária de Moscou, como segunda língua. Em São Petersburgo desde os anos 60, a língua portuguesa é ministrada na Faculdade de Letras (tem aproximadamente 30 alunos). Neste ano começaram também um curso facultativo de português na Universidade Humanitária Russa (2 horas por semana) e, como L2, na Universidade Psicólogo-pedagógica, que é privada.

7. A ajuda estrangeira.

Os alunos da escola primária moscovita, da MGU e da MGIMO ficam sob o patrocínio do Instituto Camões. O leitor português apareceu na MGU há 5 anos. Desde a visita do presidente Jorge Sampaio ao nosso país em 2000 compartilhamos as aulas do leitor português com a MGU. A partir deste ano o leitor português passa a ter a sua sede na nossa Universidade. Temos um espaço multimídia oferecido pela Fundação C. Gulbenkian e uma

biblioteca oferecida pelo Instituto Camões, uma bolsa de estudo nos Cursos de Verão para o melhor aluno do departamento atribuída pelo Instituto Camões e uma - pela Fundação Gulbenkian. Com relação aos contactos com as instituições brasileiras, eles não existem. Há muitos anos uma das nossas professoras recebeu uma bolsa da embaixada brasileira para dar aulas na Universidade de São Paulo, mas desde então não temos nenhum contacto com as universidades brasileiras.

8. A MGIMO - Universidade.

A variante da língua portuguesa que ensinamos é ibérica. Como já disse, enquanto a MGU forma os professores, a Universidade Linguística, os intérpretes e professores, a nossa Universidade prepara os futuros diplomatas, economistas, jornalistas e juristas. O Dr. Labetsky, Ministro conselheiro aqui em

Brasil, é nosso antigo aluno. A MGIMO tem Faculdades de RI, Direito I, Relações Económicas I., Jornalismo I, Gestão Empresarial, Política, a faculdade noturna de REI, faculdade preparatória e faculdade de reciclagem, Institutos de Administração Pública, de Diplomacia Energética, e o do Direito Europeu.

A MGIMO é uma universidade junto do MNE, e nela se ensinam as línguas estrangeiras de que necessitam os futuros diplomatas. Daí, em 2004 nela foram ministradas 56 línguas estrangeiras, inclusive as orientais e as línguas das antigas repúblicas soviéticas. O Português não é a língua prioritária, todos os alunos devem dominar inglês, que é língua franca internacional.

○ departamento de Português tem hoje em dia 34 alunos e 6 turmas de português - primeira língua, duas turmas da segunda língua e 5 professores. No diploma dos nossos graduados não está escrito intérprete, mas qualquer adido na embaixada trabalha como intérprete do embaixador desde os primeiros dias da sua atividade profissional, e deve estar preparado para isso. Ele deve saber resumir para o seu chefe o programa televisivo ou, à primeira vista, um artigo político no jornal. Por isso no profissiograma do Ministério das Relações Exteriores é dito que o nosso aluno, ao formar-se, deve saber traduzir por escrito os textos complicados, e oralmente - qualquer enunciação de conteúdo político ou específico, de 3 minutos de duração, com uma notação adequada.

○ cartão de visita da nossa universidade sempre foi o ramo profissionalizante do ensino. Com a pauta de 340 horas anuais, 10 horas semanais, 05 vezes por semana, e as turmas de 6-7 alunos, os estudos são muito intensivos. Os alunos começam a aprender português a partir do ciclo zero. Nos primeiros dois anos aprendem toda a gramática normativa. Das 10 horas semanais 6 horas são dedicadas à prática oral e à gramática, 2 horas - aos estudos no espaço multimídia, 2 horas à leitura analítica. No terceiro ano começa o curso de tradução. Das 10 horas 04 são dedicadas à prática oral e à gramática, 1 - à leitura analítica, 1 - ao trabalho no espaço multimídia, onde os alunos aprendem a compreender e a traduzir os programas televisivos, 4 - à tradução dos textos de conteúdo político. No 3o ano começa a profissionalização: os juristas

começam a estudar a terminologia e a problemática jurídica, os economistas a terminologia econômica, os jornalistas - os textos que dizem respeito aos problemas de meios de comunicação social, etc. No 4 ano a repartição da carga é a seguinte: 4 horas de prática oral e gramática, 6 oral de tradução, inclusive o trabalho no espaço multímdia, tradução política ou específica. O 5o ano é dedicado inteiramente à tradução.

Os professores trabalham muito. A carga semanal de um assistente é de 24 horas, do professor catedrático - de 14 horas. Ainda por cima, cada um deve fazer o trabalho metódico e científico, isto é, escrever os manuais, livros de estudo e artigos sobre a lingüística.

9. As dificuldades.

As principais dificuldades que nós enfrentamos são as diferenças na mentalidade dos alunos implicadas por uma diferente estrutura gramatical da língua russa. Mas todos os leitores assinalam uma grande capacidade de memorização dos nossos alunos. Dizem que os russos aprendem depressa.

No domínio fonético, a maior dificuldade consiste no facto de que a pronúncia portuguesa tende a fechar as vogais átonas, enquanto a pronúncia normativa russa tende para a abertura delas. Assim, enquanto escrevemos *korova* (uma vaca), pronunciamos *karova*, quando a pronúncia correta portuguesa seria neste caso *kurova*. Daí, tais erros da pronúncia como *Mascou*.

A língua russa não tem artigos. A correção entre o dado e o novo é

efetuada pela ordem das palavras, entoação e vários determinantes. Por isso, são frequentes os erros no uso do artigo. A língua russa não tem Modo Subjuntivo, só o Condicional. Os nossos alunos devem aprender a relação das conjunções que exigem o uso do Subjuntivo, e os ditos verbos modais que em russo se empregam com o Indicativo, assim em russo é correto dizer: *temo que me matará*s. A concordância dos tempos não existe em russo, e nós podemos dizer à vontade: *Disse que terminou os estudos em 2003 e fará logo o doutorado*. Temos que erradicar estes erros condicionados pela diferença das estruturas gramaticais durante muitos anos a fio, e se conseguimos o uso correto do Subjuntivo, é a nossa pequena vitória.

10. A língua e a cultura.

O ensino da língua é diretamente relacionado ao conhecimento do país, a sua história e cultura. Não temos um curso especial de cultura ou literatura portuguesa, como, por exemplo, a Universidade Lingüística ou a Universidade Lomonosov. Na MGIMO há apenas um curso curricular da História do Brasil e um curso opcional da História de Portugal, ministrado pelo leitor português. Daí, o conhecimento da cultura faz-se nas aulas de português, através dos textos originais dos melhores autores portugueses e brasileiros, textos tirados dos jornais e revistas e os documentos oficiais, isto é, os alunos tomam conhecimento do máximo dos estilos funcionais.

No ano passado publicamos um novo manual de Português. Os temas lexicais dele são as rubricas de

magazine: desporto, língua, festas e tradições, carácter nacional, direito, economia, história, saúde, segurança social, ciência e técnica, ambiente, cultura, meios de comunicação, educação. Como já repararam, cada faculdade tem um tema correspondente à sua disciplina específica. Devo confessar que na seleção dos textos aproveitamos muito a revista *VELA*, que assinamos, e cujos levantamentos e artigos analíticos têm-nos sido de uma grande utilidade.

A lição íntegra o referido texto, perguntas e tarefas de análise de texto, exercícios de gramática, de vocabulário de conversação, textos tirados da imprensa portuguesa e brasileira que têm um carácter problemático, vocabulário e tradução bilateral. A nossa tarefa é dotar o aluno do vocabulário necessário, colocar o problema e dar a possibilidade de se pronunciar sobre ele. Os textos a que eu chamei de problemáticos cumprem estas tarefas: colocam o problema, dotam o estudante do vocabulário necessário e fazem-no pensar e expressar a sua opinião. Os exercícios fazem revisar o vocabulário ou debruçam-se sobre fenômenos gramaticais mais difíceis.